III Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 24 e 25 de outubro de 2018

# FÉ, RAZÃO, MODERNIDADE E SEUS CONFLITOS

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos*
Hélio Pereira Lima**

**Resumo**

O propósito deste trabalho é marcar, com um simples registro acadêmico, a passagem dos vinte anos da Encíclica *Fides et Ratio*, do Papa João Paulo II, uma das contribuições significativas da Igreja Católica para a retomada da reflexão em torno do diálogo entre a fé e a razão, diálogo interrompido com o advento da modernidade. O percurso da reflexão é tentar mostrar que, desde o momento em que a racionalidade moderna esclarecida alçou voo solo, declarando sua independência em relação aos fundamentos religioso-metafísicos sobre os quais o Ocidente instituiu sua identidade simbólico-cultural, houve uma perda significativa tanto para a teologia quanto para a filosofia, na busca de compreender a modernidade. Com isso, ficou aberto o caminho para que as preocupações com o conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico tomassem a dianteira em relação à questão do sentido da existência e da destinação da história humana. Recolocar questão da relação fé, razão e modernidade é não deixar cair no esquecimento uma das causas da crise de sentido que se abateu sobre a modernidade tardia.

**Palavras-chave**: Fé. Razão. Modernidade. Identidade e Religião.

## INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é tentar mostrar a relação entre Fé e Razão nos caminhos da Civilização Ocidental, a partir de uma perspectiva histórico-filosófica, sem a menor pretensão de esgotar, nem de longe, a riqueza dos temas suscitados pela *Fides et Ratio*. Ademais, outros já se debruçaram sobre a Encíclica e, com outras visões abalizadas, trouxeram contribuições bem mais significativas. Não obstante, entende-se como importante não deixar cair no esquecimento o quanto ainda é necessário

* Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião, mestrado e doutorado, e Teologia, mestrado, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: douets@unicap.br
** Doutorando em Ciências da Religião, na UNICAP; Mestre em Filosofia e professor de Filosofia da UNICAP. Orientador Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos. E-mail: hlima@unicap.br

manter aberto o diálogo para uma melhor compreensão da relação entre fé, razão e modernidade, como forma de compreender a crise de sentido que se abateu sobre a Civilização Ocidental.

Comecemos pela sugestiva metáfora que colocou a Fé e a Razão representadas por duas asas[1] que adejam para conduzir o espírito humano ao encontro da Verdade, cujo percurso histórico já dista mais de dois mil anos. É uma história pródiga em seus registros de momentos de aproximação e distanciamento. Desde o alvorecer do *Logos*, na Grécia Antiga, em sua luta contra os mitos, até o alvorecer dos tempos modernos, a Razão fora compreendida como instituidora daquelas condições necessárias que favoreceram a experiência autêntica do Ser, enquanto uno (*Unum*), verdadeiro (*Verum*) e bom (*Bonum*). Essas noções transcendentais, segundo Lima Vaz, conformam "[...] a arquitetura metafísica fundamental do nosso pensamento" (2013, p. 103). Assim, coube à Igreja levá-las adiante no seu mister de anunciar o Verbo que se fez carne, de modo que estivesse sempre pronta a testemunhar a razão de sua esperança (1Pd 3, 15).

Quando nos aproximamos da comemoração do vigésimo aniversário da Carta Apostólica *Fides et Ratio*, do Papa João Paulo II, nada mais justo do que nos unirmos à Tradição para rememorar o que significa para a Igreja o estar atenta às exigências de uma civilização que se quis compreender sob signo da Razão. Atenção que fez desta distinta Comunidade de fiéis, graças ao desenvolvimento fecundo do saber teológico, a porta voz por excelência daquelas respostas às questões mais fundamentais da existência humana: "*Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que é que existirá depois desta vida?*" (*FR*, p. 5, grifo do autor).

No entanto, se a fidelidade à Tradição nos une ao fecundo passado de cujo coração brotou a Universidade Católica, "[...] um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade", como

[1] "A FÉ E A RAZÃO (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito se eleva para a contemplação da verdade" (IGREJA CATÓLICA, 1998, p. 4). Doravante, a Encíclica será citada com a abreviatura *FR,* seguida da respectiva página.

bem afirmou João Paulo, na Encíclica *Ex Corde Ecclesiae* (1990), *a fortiori*, as vicissitudes do presente nos lançam um desafio ainda maior que é o de levar adiante o *Kerigma* confiado à Igreja, em meio a um mundo cujos sinais mais visíveis são aqueles que celebram a vitória de um modelo de racionalidade que abandonou a busca da Verdade e a questão do sentido da existência.

O roteiro da exposição se constituirá de duas partes e uma breve conclusão. Na primeira, denominada de "Fé e Razão se encontram", vamos fazer um rápido percurso desde a Grécia antiga até o século XIII, momento por excelência da consolidação de um paradigma teológico que, ainda hoje, é um dos maiores tesouros da Tradição intelectual cristã, que é o pensamento de Santo Tomás de Aquino. Na segunda parte, denominada de "Racionalidade sem Fé", tentaremos apresentar como o abandono de um princípio normativo absoluto esvaziou qualquer possibilidade à racionalidade moderna de firmar repostas sobre as questões fundamentais da existência humana: seja em relação ao sentido, seja no tocante à destinação da história.

## FÉ E RAZÃO SE ENCONTRAM

O propósito da *Fides et Ratio* fica claramente expresso desde a introdução com a rememoração do "Conhece-te a ti mesmo", máxima estampada no frontispício do templo de Apolo, em Delfos, e que Platão a emprega como sendo uma das grandes virtudes do seu grande mestre. Com isso, Sócrates se tornará, na visão levada adiante por Platão, aquele que mergulhou no mais profundo da alma humana e lá encontrou o fundamento da verdade, que orienta o agir que tem em vista do Bem. No Ser que é uno, verdadeiro e bom, está o fundamento da ação.

A força simbólica da cultura grega, sobretudo na sua expressão filosófica, cujos conceitos estavam assentados desde o período clássico, ultrapassou o período da expansão dos três séculos do helenismo, deitou

suas raízes às margens do Mediterrâneo e, com o impulso decisivo do cristianismo, cuja herança chega até os nossos dias, constituiu-se com o que hoje conhecemos como a Civilização Ocidental Cristã. Sob esse aspecto, a novidade do *Kerigma* tem à sua frente um terreno propício para se expandir, em meio a uma outra forma de vida, que sempre esteve aberta à novidade.

Tal processo de aculturação possibilitou ao cristianismo primitivo abrir-se ao horizonte da universalidade própria à sua missão de irradiar o evento Cristo, a partir da Palestina, para daí difundir e instituir, segundo Lima Vaz, "[...] um ecúmeno cristão pensado segundo as dimensões do mundo, e tendo sua expressão *simbólica* na imagem paulina do 'homem novo' que participa da universalidade da vida do Senhor ressuscitado (GL 3, 27-29; 1Cor 3, 21-23; 15, 46-57" (VAZ, 2002, p. 130).

Esse encontro da Fé com a Razão tem sua maior evidência e consolidação no século XIII, quando será aprofundada a relação dessas duas dimensões do espírito humano, como um prenúncio do embate decisivo que terá lugar no palco da modernidade, cujo desfecho se mostra na profunda "crise de sentido" e na "fragmentação do saber" (*FR*, p. 62).

As vicissitudes dessa problemática relação receberão duas sínteses exemplares, porém não excludentes, cujos pontos de partida serão as filosofias de Santo Agostinho, por um lado, e de Aristóteles, por outro. Os roteiros distintos desses pensamentos sofrerão um impacto a partir de 1255, com a instituição da Faculdade de Filosofia. Na sua especificidade, a filosofia carrega a herança grega de dois paradigmas teóricos, o neoplatonismo e o aristotelismo, dos quais surgirão três modelos de interpretação da função da Filosofia em relação à Teologia, para responder à questão: qual a filosofia que se harmoniza com a teologia? Os três modelos são os seguintes: o de Santo Agostinho, no qual a Filosofia se subordina à Teologia; o de São Boaventura, como uma via intermediária e, finalmente, o de São Tomás de Aquino, que segue via intermediária.

Nesses três paradigmas interpretativos, circunscrevem-se as questões basilares da filosofia: o conhecer, o ser e o agir. Como indagação, poderia ficar assim: o que significa o exercício do saber? Qual o seu objeto? O que ele significa para a existência? O fato é que as diferenças interpretativas da relação entre a Fé e a Razão conduziram ao confronto entre dois modelos metafísicos: o da essência, de Duns Scot, e o do *Esse*, de Santo Tomás de Aquino. No aquinante, temos o desenvolvimento metafísico da univocidade lógica da noção do ser fundado sob a perspectiva da relação analógica do ser. Se em Duns Scot, temos a precedência da essência, em São Tomás de Aquino temos uma dialética na qual a finitude é suprassumida no *Esse*, analogicamente, em sua inteligibilidade. Com isso, Tomás de Aquino realiza a síntese ideal entre as tradições neoplatônica, aristotélica e cristã, garantindo uma saudável harmonia entre a Fé e a Razão.

## RACIONALIDADE SEM FÉ

Poderíamos situar as divergências entre a Fé e a Razão nos tempos modernos, como um processo no qual uma forma específica de racionalidade ganha precedência sobre as demais formas de saber. Os primeiros sinais da ruptura podem ser divisados nas revoluções científicas dos séculos XVI e XVII. Elas irão inaugurar um novo paradigma epistemológico que subverterá o núcleo constitutivo da cosmologia medieval, herança de Ptolomeu, inquestionável até o renascimento. De Copérnico a Galileu, passando por Kepler, a concepção de mundo vigente até então perde seu ponto de apoio arquimediano, vindo a assumir seu lugar uma concepção cosmológica, que conceberá o universo não mais como uma unidade fechada, mas como um cosmo infinito (KOYRÉ, 2001).

A partir do prisma da ciência moderna, o eixo sobre o qual assentava a concepção de mundo medieval fora completamente deslocado do seu centro e já não se sabia onde poderia ser encontrado. No âmbito da filosofia,

com a instauração do *Cogito*, por René Descartes (1973), nas suas "Meditações Metafísicas", o centro sensível do universo vai recolher-se no âmbito da subjetividade.

Como se vê, a passos largos, o distanciamento entre Fé e Razão vai avançando na modernidade. No entanto, será no avanço inconteste da ciência, acolitado pela sua dileta filha, a técnica, que, juntas, dispensarão o concurso da fundamentação metafísica e de qualquer outra forma de conhecimento que não se submetesse aos padrões formais da lógica matemática.

Aos olhos da *Fides et Ratio*, a racionalidade moderna torna-se, assim, um dos maiores desafios à Fé cristã, porque ela carrega consigo uma força judicativa determinante, de natureza não apenas teórica, mas, sobretudo, operacional, graças à força imperativa de convencimento que acompanha a técnica. A lógica da tecnociência não apenas avançou e colonizou todos os âmbitos estruturais da sociedade, ela foi muito mais além. Insurgir-se contra a própria cultura, alterando sua matriz simbólica, solo no qual estão ficados os valores que transcendem as contingências da existência (LADRIÈRE, 1979).

Foi Max Weber quem percebeu e expressou com exatidão um fato determinante que mudou completamente a paisagem tradicional: a substituição progressiva da Razão substantiva, pela racionalidade formal moderna. A razão substantiva é parte indispensável da herança legada pela tradição da metafísica platônico-aristotélica. Em Santo Tomás de Aquino, esse legado receberá a síntese cristã mais abalizada. Por conseguinte, enquanto a Razão substantiva vai perdendo espaço no *ethos* moderno, a racionalidade formal irá desprendendo-se da tradição e se espalhará pelas diversas esferas da sociedade.

Inscritas em cada domínio da realidade, as racionalidades perderam a relação com a metafísica, pois cada esfera da realidade dispensa o concurso das outras: a ciência não precisa da filosofia e da religião; o direito não precisa da filosofia, da religião ou da ciência, e assim por diante. Para

Weber (2004), tudo isso é o resultado do que ele denominou de "desencantamento do mundo".

Tal visão, é importante ressaltar, não deveria ser reputada como pessimista, mas como um reflexo de uma realidade fática, um desafio que a *Fides et Ratio* nomeia para não cair no esquecimento, porque fora abandonado um dos principais valores da tradição. Isso porque tal forma de racionalidade, como bem registra o Papa João Paulo II, opera tão somente como "[...] 'razão instrumental' a serviço de fins utilitaristas, de prazer ou de poder." (*FR*, p. 37). Tal restrição continuou a se propagar e a alimentar uma perspectiva niilista do mundo, cujo signo mais evidente é o descompromisso com o que é perene. Isto é, numa sociedade cuja regra maior é a promoção do consumo, na qual até mesmo as relações humanas tornaram-se descartáveis, tudo é vislumbrado como uma penumbra indistinta, relativa e transitória.

## CONCLUSÃO

Finalizando, permitam-me relembrar insistente exortação do Papa João Paulo II[2] sobre o necessário e incontornável imperativo de se retomar a saudável e fecunda relação entre a filosofia e a teologia. Como ele mesmo afirma, a teologia precisa do concurso da filosofia para poder realizar o seu mister, com a mais absoluta autonomia; da mesma forma, a filosofia precisa do concurso da fé, e não se contentar apenas com a opinião, mas ter como meta a busca da Verdade. Nesse sentido, seria importante ressaltar o custo que representou o distanciamento entre ambas, A Fé e a Razão, provocado pelas vicissitudes da modernidade, cujo resultado mais visível não foi senão uma perda significativa para elas:

> Todavia isto não pode fazer esquecer a necessidade que a atual relação entre fé e razão tem de um cuidadoso esforço

[2] "A minha missão é propor alguns princípios e pontos de referência, que considero necessários para se poder instaurar uma relação harmoniosa e eficaz entre a teologia e a filosofia. À luz deles, será possível discernir com maior clareza se e como deve a teologia relacionar-se com os diversos sistemas ou asserções filosóficas que o mundo atual apresenta." (*FR*, p. 49).

> de discernimento, porque tanto a razão como a fé ficaram reciprocamente mais pobres e débeis. A razão, privada do contributo da Revelação, percorreu sendas marginais com o risco de perder de vista a sua meta final. A fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser (*FR*, p. 39).

Que essa exortação do Papa João Paulo II seja um incentivo para que os estudos da filosofia sejam vistos como um dos caminhos indispensáveis para o encontro com a Verdade da Encarnação do Logos divino, caminho, verdade e vida (Jo 14, 6), pois, como afirma Lima Vaz "[...] o tema levantado pela *Fides et Ratio* não é apenas um tema doutrinal dentro da Igreja. É um problema de civilização" (1999, 305), porque o restabelecimento do diálogo entre fé e razão é condição para compreendermos a questão da falta de sentido na modernidade tardia.

## REFERÊNCIAS

DESCARTES, René, **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Igreja Católica. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas**. Petrópolis: Vozes, 1990. 46 p.

Igreja Católica Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta apostólica *fides et ratio* do sumo pontífice João Paulo II aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão**. São Paulo: Loyola, 1998. 79 p.

KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 2001.

LADRIÈRE, Jean. **Os desafios da racionalidade:** o desafio da ciência e da tecnologia às culturas. Petrópolis: Vozes, 1979.

VAZ, H. C. de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 2013.

VAZ, H. C. de Lima. **Escritos de filosofia III**: filosofia e cultura. São Paulo: Loyola, 2002

VAZ, H. C. de Lima. Metafísica e fé cristã: uma leitura da "*Fides Et Ratio*". **Síntese**, Belo Horizonte, v.26, n. 86, p. 293-305, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.